

A ALTERIDADE E O CONTO “A ROSA CAMELA”, DE MIA COUTO

Jaqueline Chassot¹

Resumo: Este trabalho tem por pretensão levantar algumas considerações acerca da temática da alteridade e buscar identificar aspectos a ela relacionados no conto “A Rosa Caramela”, publicado no livro *Cada homem é uma raça* (1998), do escritor moçambicano Mia Couto. Rosa Caramela é uma personagem singular, pois tem um comportamento estranho, cujas inusitadas atitudes, como a adoração das estátuas, provocam a sua exclusão da comunidade. Temos então um texto literário bastante fértil para se observar questões de alteridade, relação com o Outro e construção de identidade.

Palavras-chave: Alteridade. Identidade. Rosa Caramela.

Abstract: This work has the intention to raise some considerations about the theme of otherness and seeks to identify aspects related to it in the tale “A Rosa Caramela”, published in the book *Cada homem é uma raça* (1998), by Mozambican writer Mia Couto. Rosa Caramela is a unique character, because she has a strange behavior, whose unusual attitudes, as the adoration of statues, that cause her exclusion from the community. So we have a quite fertile literary text to observe issues of otherness, relation with the other and construction of identity.

Keywords: Identity; Alterity; Rosa Caramela.

INTRODUÇÃO

A obra **Cada homem é uma raça** (1998), do escritor moçambicano Mia Couto, é um conjunto de contos, e um deles é “A Rosa Caramela”. A protagonista dessa narrativa é Rosa Caramela, nome atribuído pelo povo à moça, que é corcunda: “Se conhecia assim, corcunda-marreca, desde menina” (COUTO, 1998, p. 15). Devido a essa imperfeição física, ela é objeto de riso e exclusão por parte da comunidade. Essa sua situação, que evidencia o preconceito com o diferente, permite trazer à luz a discussão sobre a alteridade.

Para introduzir a temática da alteridade, fazemos uso aqui das palavras de Nadja Hermann, que refere:

¹ Licenciada em Letras - UFSM, mestranda em Estudos Literários – UFSM, e-mail: jaqchassot@yahoo.com.br

A alteridade é um outro, do qual depende a própria identidade. O outro e o eu estão numa relação complexa em que se remetem reciprocamente. Assim, o outro não só está fora como dentro do indivíduo. [...] o outro só existe para que o próprio sujeito possa se reconhecer. A alteridade seria, então, o meio necessário (enquanto negatividade) do reconhecimento do próprio sujeito como consciência de si (HERMANN, 2006, p. 72 e 73).

Vejamos, então, como se apresenta a questão da alteridade no texto literário em questão.

A ALTERIDADE E O CONTO “A ROSA CAMELA”

A alteridade pode ser também chamada outridade, pois só existe na relação interpessoal de um Eu e um Outro. Eric Landowski comenta que ela:

[...] só pode construir-se pela diferença, o sujeito tem necessidade de um *ele* – dos ‘outros’ (*eles*) – para chegar à existência semiótica, [...] o que dá forma à minha identidade não é só a maneira pela qual eu me defino [...] é também a maneira pela qual objetivo a *alteridade do outro* atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele (LANDOWSKI, 2002, p. 4).

Na narrativa, a identidade de Rosa Camela é construída pelos outros, que a colocam na posição de alguém sem qualquer pertencimento social:

A corcunda era a mistura das raças todas, seu corpo cruzava os muitos continentes. A família se retirara, mal que lhe entregava na vida. Desde então, o recanto dela não tinha onde ser visto. Era um casebre feito de pedra espontânea, sem cálculo nem aprumo. Nele a madeira não ascendera à tábua: restava tronco, pura matéria. Sem cama nem mesa, a marreca a si não se atendia. Comia? Ninguém nunca lhe viu um sustento. Mesmo os olhos lhe eram escassos, dessa magreza de quererem, um dia, ser olhados, com esse redondo cansaço de terem sonhado (COUTO, 1998, p. 15).

Nesse parágrafo, vemos claramente o caráter de marginalidade de Rosa Camela, pelas expressões “mistura das raças”, “muitos continentes”, “a família se retirara”, que representam que ela não se identificava por uma raça definida, não tinha vínculos de pátria e família, o que contribuía para que ela fosse excluída do grupo. É inumana a condição de Rosa Camela: ela é fruto de uma miscigenação, foi abandonada pela família e mora num casebre onde a pobreza está escancarada. Isso tudo se reflete também em seus traços físicos. Os seus olhos apresentam o “redondo cansaço de terem sonhado”, mas o seu rosto é belo e contrasta com a feiúra de seu corpo: “A cara dela era linda, apesar. Excluída do corpo, era até de acender desejos. Mas se às arrecuas, lhe espreitassem inteira, logo se anulava tal lindeza” (COUTO, 1998, p. 15).

Bem, temos nesse trecho iniciais do conto uma grande descrição de Rosa Camela, com traços bastante singulares e que causam estranhamento. Mas para quem são singulares? Para quem causam estranhamento? Ao levantarmos a discussão sobre a alteridade, essas questões precisam ser respondidas. Isso porque

a alteridade pressupõe um Eu (Um) e um Outro, e todos os julgamentos, toda a diferenciação, partem de um ponto de vista, conforme teoriza Eric Landowski. Segundo ele, “o fato de o Outro ser ‘diferente’ não significa, necessariamente, que o seja no absoluto (LANDOWSKI, 2002, p. 14).

No caso de “A Rosa Caramela”, o que se pode dizer é que não é apenas ao narrador que os traços de Rosa Caramela e sua conduta causam estranhamento. É a todo um grupo social que habita no mesmo espaço que a protagonista e o qual o narrador representa.

Mas voltando à Rosa Caramela, já que as pessoas lhe rejeitavam a comunicação, ela se ocupa com as estátuas, na esperança de poder estabelecer contato com elas. Esse comportamento, estranho para a comunidade, é apresentado pelo narrador: “Nos jardins, ela se entretinha: falava com as estátuas. Das doenças que sofria, essa era a pior [...] palavrear com estátuas, isso não, ninguém podia aceitar. [...] E ela, frente aos estatuados, cantava de rouca e inumana voz: pedia-lhes que saíssem da pedra. Sobressenhava” (COUTO, 1998, p.16). Essa atitude de Rosa demonstra sua carência de afeto, agravada pelo abandono do noivo à beira do altar, o qual não comparecera à cerimônia de casamento. Essa era a única história que se contava sobre ela, e até se cogitava que nem noivo havia: “O que parece é que nenhum noivo não havia. Ela tirara tudo aquilo de sua ilusão. Inventava-se noiva, Rosita-namorada, Rosa-matrimoniada” (COUTO, 1998, p. 17). Assim, pensou-se que a história fosse pura imaginação da corcunda. Mas, para ela, o jovem acabara com seu sonho de casamento: “Toda a vida ela sonhara a festa. Sonho de brilhos, cortejo e convidados. Só aquele momento era seu, ela rainha, linda de espalhar invejas. Com o longo vestido branco, o véu corrigindo as costas. Lá fora, as mil buzinas” (COUTO, 1998, p. 16 e 17). Abandonada, ninguém consolou Rosa Caramela. Ela “ficou-se no consolo do degrau, a pedra sustentando o seu universal desencanto” (COUTO, 1998, p. 17). Segundo o narrador, essa desilusão amorosa da corcunda pode ter originado sua relação com as pedras e a sua loucura, o que a fez ser internada em um hospital.

Tudo isso evidencia o apagamento da alteridade, a exclusão máxima do Outro, a ponto de ele ter que buscar num elemento não-humano a atenção, o afeto, o diálogo que não consegue com os homens apenas porque para esses é diferente, anormal. É a desconsideração máxima, que é notada também quando Rosa é internada no hospital e esquecida: “Rosa não tinha visitas, nunca recebeu remédio de alguma companhia”. E assim, a relação que ela já tinha com as estátuas, colocada no início do conto, tornou-se ainda mais íntima, pois “Fez-se irmã das pedras, de tanto nelas se encostar. Paredes, chão, tecto: só a pedra lhe dava tamanho. Rosa se pousava, com a leveza dos apaixonados, sobre os frios soalhos. A pedra, sua gêmea” (COUTO, 1998, p. 17). A relação com as pedras não se interrompe com a saída de Rosa do hospital: “Quando teve alta, a corcunda saiu à procura de sua alma minéria. Foi então que se enamorou das estátuas, solitárias e compenetradas. Vestia-lhes com ternura e respeito. Dava-lhes de beber, acudia-lhes nos dias de chuva, nos tempos de frio” (COUTO, 1998, p. 17). E acabou por se apaixonar por uma das estátuas:

A estátua dela, a preferida, era a do pequeno jardim, frente à nossa casa. Era monumento de um colonial, nem o nome restava legível. Rosa desperdiçava as horas na contemplação do busto. Amor sem correspondência: o estatuado permanecia sempre distante, sem dignar atenção à corcovada (COUTO, 1998, p. 17 e 18).

O fato de Rosa Caramela venerar a estátua de um colonizador provoca sua prisão, pois ela não permite que se derrube essa estátua, que era um monumento considerado “um pé no passado rasteirando o presente” (p. 20). Essa atitude é interpretada pelos governantes como um desacato, tanto que “O chefe das milícias atribuiu a sentença: saudosismo do passado. A loucura da corcunda escondia outras, políticas razões” (COUTO, 1998, p. 20).

Nessa passagem do conto, em que é narrado o aprisionamento de Rosa Caramela, também pode ser levantada uma questão acerca da alteridade, ou melhor, da desconsideração da alteridade. Desconsideração pois os governantes nem questionam a moça para saber se ela tem alguma justificativa para sua atitude, simplesmente a condenam. Por ela ser diferente, na visão deles, nem tem direito à palavra, ela é simplesmente o Outro que não interessa ao Nós, grupo dominante.

Mas será que Rosa Caramela permanece passiva por todo o conto? Até o ponto em que estamos na narrativa, ela ainda não reagiu, mostrando-se como o Urso da caracterização que Landowski faz dos tipos humanos. O Urso seria, para Landowski, aquele sujeito que leva sua vida “sem se preocupar a mínima com o olhar, indiferente ou curioso, aprovador ou desaprovador, de outrem” (LANDOWSKI, 2002, p. 43).

Rosa, no entanto, reage. Durante o enterro do enfermeiro, Rosa Caramela, enfim, manifesta sua revolta com as pessoas

Olhando os presentes, ela ergueu a voz, parecia maior que uma criatura:

- E agora: posso gostar?

Os presentes recuaram, só se escutava a voz da poeira.

- Hein? Desse morto posso gostar! Já não é dos tempos. Ou deste também sou proibida? (COUTO, 1998, p. 22).

Quando Rosa interroga as pessoas se pode gostar do morto, demonstra sua indignação por ter sido proibida de zelar pelas estátuas. É aqui que a identidade de Rosa Caramela se revela fugazmente. Isso se pudermos falar em identidade. Levando em consideração a afirmativa de Denys Couche, de que “a identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais se está em contato” (COUCHE, 1998, p. 182), pensamos que, no caso de Rosa Caramela, parece que nem é ela que constrói sua identidade, isso se acreditamos que ela tem uma identidade, uma vez que sabemos dela apenas aquilo que o narrador apresenta. Mas considerando que a protagonista tenha uma identidade, essa identidade parece construída somente pelo grupo que a cerca, e não por ela mesma. Além do que, “não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre na relação a uma outra” (COUCHE, 1998,

p. 183). Portanto, firmando-se no fato de que Rosa Caramela não tem relações pessoais, poderia se dizer, talvez, que ela é uma personagem sem identidade.

Na parte final do conto, o narrador-observador narra uma noite de insônia, quando ele vai ao jardim e vê a estátua arrancada. Vê também Rosa Caramela se dirigir à casa dele (narrador) e seu pai a consolar. Num desfecho inesperado, o pai do narrador se revela Juca, noivo de Caramela, e a convida para irem embora. Fica esclarecido, então, porque Rosa Caramela venera a estátua que está no jardim da casa do narrador. Ela está substituindo o amor por Juca pelo amor à estátua que ele tem em seu jardim.

Ao chegarmos ao final do conto, fica a pergunta: Por que Juca abandonou Rosa Caramela? Podemos pensar que ele a abandonou à beira do altar para não assumir em público a sua relação com ela. Afinal, o que pensariam os outros moradores se ele se casasse com a moça excêntrica que é Rosa Caramela? E aqui entra a questão do preconceito, da discriminação, profundamente relacionados à alteridade. A discriminação é um grande problema e difícil de resolver. O caminho apontado por Álvaro Márquez-Fernández é começar a pensar a alteridade:

[...] sinônimo de aprender a pensar desde uma diversidad personal y coletiva, cultural e histórica, em donde la realidad está bien abierta para la convivencia. [...] Aprender a pensar desde la cultura del outro nos permite contextualizar al outro desde um diálogo que le reconozca su autenticidad y originalidad (MÁRQUEZ-FERNÁNDEZ, 2006, p. 327; 328).

CONCLUSÃO

As considerações levantadas acerca da protagonista do conto “A Rosa Caramela”, apresentam a exclusão social de que essa personagem é vítima devido à singularidade que lhe é atribuída pelos outros que a cercam. Rosa Caramela é considerada diferente porque não tem uma raça, uma pátria nem uma família; por causa de seus traços físicos, do lugar em que vive, de seu comportamento em relação à comunidade humana. Por esses motivos, ela é excluída do grupo a que pertenceria. Rosa Caramela é uma personagem colocada à margem de qualquer pertencimento social. Apesar de ela compensar sua exclusão pela alternativa do sonho e pelo estreitamento de sua relação com o mundo natural, representado pelas estátuas, esse conto mostra a desconsideração da alteridade. Mostra a dificuldade que a grande maioria dos seres humanos tem de relacionar-se com quem lhe é diferente, de conviver com pessoas de pensamento diferente, de atitudes diferentes ou com qualquer tipo de diferença.

Em “A Rosa Caramela” evidenciam-se o ensimesmamento do sujeito, o egoísmo, a desconsideração do Outro. E quão comum é querer ser o Eu hoje em dia e não o Outro. Todo mundo quer pertencer ao grupo do Nós, o ponto de referência. Mas, como diz Landowski, o grupo que se identifica como o Nós, isso é, o dominador, não pode se considerar o único detentor do direito de ser plenamente ele mesmo. As pessoas esquecem-se que, apesar de “[...] a diferença ser um fato de natureza, um fato de sociedade: é a diversidade das heranças culturais,

dos modos de socialização, das condições econômicas que determina a diversidade dos tipos humanos” (LANDOWSKI, 2002, p. 14), as diferenças não justificam atitudes discriminatórias ou preconceituosas. Afinal, “Num mundo de Sujeitos, todo mundo, por definição, é Sujeito do mesmo jeito e no mesmo grau, qualquer que seja a natureza das diferenças que singularizam uns com relação aos outros” (LANDOWSKI, 2002, p. 24).

REFERÊNCIAS

COUCHE, Denys. Cultura e Identidade. *In: A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. São Paulo: EDUSC, 1998.

COUTO, Mía. Cada homem é uma raça. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

HERMANN, Nadja. Ética, Estética e Alteridade. *In: Cultura e alteridade: confluências*. Org. Amarildo Trevisan, Elisete Tomazetti. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

LANDOWSKI, Eric. Presenças do outro. Ensaio de sociosemiótica. Tradução Mary Amazonas de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MÁRQUEZ-FERNÁNDEZ, Álvaro B. De La Filosofía de La Alteridad a La Ética de La Convivencia Ciudadana. *In: Cultura e alteridade: confluências*. Org. Amarildo Trevisan, Elisete Tomazetti. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.